



Jenny  
COLGAN

Venha conhecer e se encantar com...

A padaria  
dos finais  
felizes



"Deliciosamente doce  
e reconfortante."

SOPHIE KINSELLA



*Para Anna-Marie Fourie,  
minha querida primeira leitora  
e amiga de longuíssima data,  
que sabe como é esperar  
alguém voltar para casa, do mar.*

*Quem me dera ser um pescador  
No balanço do mar  
Longe da terra firme  
Das amarguras do continente  
E lançar a minha doce linha  
Com amor e devoção  
Sem teto algum acima  
Além do céu estrelado  
O luar lá no alto  
E você em meus braços  
Uhul!*

The Waterboys, “Fisherman’s Blues”

*Avante, avante, navegantes valentes  
A nau iça a vela ao alvorecer  
Venha vento, frente fria ou, por fatalidade,  
uma funesta tempestade*

“SIR PATRICK SPENS”, BALADA ESCOCESA, SÉC. XIV



## Capítulo um

Anos depois, com a idade avançada e bem distante daquele tempo passado, seria difícil para Polly explicar que era daquele jeito que viviam naquela época. Que em alguns dias era possível fazer a travessia para o continente de carro, mas que em outros precisavam ir de barco. Volta e meia, passavam muito tempo ilhados, e ninguém sabia quando ou como conseguiriam resolver a situação; as tábuas de marés previam apenas o nível da água, e não as condições climáticas.

– E não era horrível? – perguntaria Judith. – Saber que você tinha ficado ilhada?

E Polly se lembraria do reflexo do sol na água, durante a maré alta. A luz ia mudando; o mar ficava cor-de-rosa, lilás, violeta sob a luz do crepúsculo, que incidia do oeste, e dava para saber que mais um dia iria passar sem que se pudesse ir a lugar algum.

– Na verdade, não – responderia ela. – Era adorável! Era só se acomodar e relaxar. Eram apenas você e os demais moradores de Mount. Nós nos certificávamos de que tudo estava protegido das cheias, e se ainda tivéssemos luz, era ótimo. Se não, ora, dava para lidar com isso também. Era possível ver o brilho das velas em todas as janelinhas. Era aconchegante.

– Parece coisa de cem anos atrás.

Polly sorriu.

– Pois é. Mas não faz tanto tempo assim, sabia? Parece que foi ontem. Quando você planta seu coração em um cantinho, esse lugar sempre te acompanha. Mas é claro que esse sentimento surgiu muito tempo depois. A princípio, foi *mesmo* horrível.



2014

Polly folheou a papelada que haviam lhe entregado em uma pasta cintilante com a foto de um farol na capa. Era uma foto bonita, reparou. Ela estava se esforçando muito para focar no lado bom.

E os dois homens na sala até que eram simpáticos. Mais simpáticos do que precisavam ser; tão simpáticos que a deixavam desconfortável. Ela se sentia triste, mais do que nervosa ou aflita.

Estavam todos sentados nos fundos de um pequeno escritório de duas salas, imitando uma estação de trem. O espaço era motivo de muito orgulho para ela e Chris. Era compacto e charmoso, tinha até uma lareira antiga que não funcionava, onde costumava ficar a sala de espera.

Naquele momento, as duas repartições estavam uma bagunça: pastas fora do lugar, computadores no chão, papéis espalhados por toda parte. Os simpáticos administradores judiciais estavam revirando tudo, com muita calma. Chris estava sentado em um canto, de cara fechada, feito um garotinho de 5 anos sem o brinquedo favorito. Polly estava atribulada, tentando ser útil, e volta e meia ele lhe lançava um olhar sarcástico, que ela sabia que queria dizer “Por que está colaborando com essas pessoas que querem nos destruir?”, e, ainda que entendesse o ponto de vista de Chris, não conseguia se conter.

Mais tarde, Polly se deu conta de que o banco recrutava pessoas assim de propósito: para encorajar uma postura cooperativa, evitar confrontos, acabar com brigas. E ficou triste, tanto por ela e Chris quanto pelos homens simpáticos, cujo trabalho era testemunhar a miséria alheia. Não era culpa deles. Chris achava que era, claro.

– Então... – começou o mais velho, que usava turbante e tinha óculos pequenos pendurados na ponta do nariz. – Segundo o protocolo, a declaração de falência vem antes do circuito judicial. O processo pode ser conduzido por um dos diretores apenas.

Polly estremeceu ao som da palavra “falência”. Soava tão definitiva, tão séria. Algo que acontecia com artistas e celebridades pop bobocas. Não com trabalhadores sérios, como eles.

Chris deu uma risadinha sarcástica.

– Pode cuidar disso – falou para Polly. – Você que gosta de uma movimentação.

O homem olhou para Chris com compaixão.

– Entendemos que é muito difícil.

– Entendem, é? – perguntou Chris. – Vocês por acaso já faliram?

Polly voltou a contemplar o lindo farol da foto, porém não teve mais o mesmo efeito. Tentou pensar em outra coisa. Pegou-se admirando os belos desenhos do portfólio de Chris que os dois haviam pendurado na parede quando, bastante otimistas, montaram o escritório de design, sete anos antes. Tinham começado bem, com alguns clientes do emprego anterior de Chris. Polly gerenciava tudo de forma incansável, conseguindo novos clientes, fazendo networking, fechando contratos com diversas empresas em Plymouth – cidade onde moravam – e até em Exeter e Truro.

Compraram um apartamento em um prédio novo, perto da orla, bem minimalista e moderno, e frequentavam os bares e restaurantes certos para serem vistos e fazerem negócios. Deu certo... por um tempo. Eles se sentiam como estrelas em ascensão, adoravam dizer que administravam a própria empresa. Então veio a crise bancária de 2008 e novos sistemas tecnológicos passaram a facilitar, cada vez mais, a manipulação de imagens, a arte autoral. Com os cortes das empresas em terceirizações, propaganda e freelancers, sobrecarregando cada vez mais as equipes internas, o design gráfico, conforme Chris assinalava, estava indo ladeira abaixo. Já era. Profissionais da área eram cada vez menos requisitados.

Polly trabalhou de forma incessante. Nunca deixou de fazer propaganda, oferecer pacotes e descontos; fez de tudo para continuar angariando clientes para o talentoso sócio. Chris, no entanto, tinha desistido. Culpava o mundo por fazer pouco caso de sua arte incrível e de suas fontes tipográficas feitas à mão. Andava cada vez mais rabugento e taciturno, comportamento que Polly tentava combater com otimismo. Mas estava sendo muito difícil se manter positiva.

Embora Polly nunca fosse admitir nem para si própria, o fato de aquele dia ter enfim chegado – depois de tanto insistir para Chris fechar o negócio e procurar um emprego, e ainda por cima ser acusada de conspirar contra ele e trair sua confiança – trazia certo alívio. Sim, era um momento desagradável, péssimo, constrangedor, ainda que várias pessoas com quem

costumavam frequentar os bares da moda no centro de Plymouth estivessem passando pelo mesmo – ou conhecessem alguém em situação semelhante. A mãe de Polly não entendia nada, via tudo como uma espécie de condenação. Precisariam vender a casa, recomeçar do zero. Mas a presença do Sr. Gardner e do Sr. Bassi, os simpáticos administradores judiciais, pelo menos parecia indicar que alguma atitude fora tomada. Os últimos dois anos tinham sido infelizes e devastadores, tanto na vida íntima quanto na profissional. O relacionamento deles estava em suspenso, a bem da verdade; pareciam mais duas pessoas que dividiam um apartamento a contragosto. Polly se sentia exaurida.

Ela olhou para Chris. Havia duas novas marcas de expressão no rosto dele. Fazia tempo que não olhava para ele de verdade. Nos últimos tempos, quando Chris chegava em casa depois do trabalho – Polly sempre saía primeiro e ele permanecia lá, revisando os poucos trabalhos uma, duas, três vezes, como se o perfeccionismo pudesse alterar o inevitável –, ela sentia que o simples ato de levantar o rosto e olhar para ele carregava um tom acusatório, então mantinha a cabeça baixa.

O mais estranho é que se fosse apenas a vida pessoal deles ruindo, todos ao redor estariam cheios de compaixão, apoio, conselhos e garantias. Mas como se tratava de um negócio em derrocada, ninguém dizia nada. Todos mantinham distância, não ousavam se intrometer, nem mesmo a intrépida Kerensa, a melhor amiga de Polly.

Talvez agissem assim porque o medo – da penúria, de perder a vida pela qual tanto batalhavam – era profundo demais, forte demais, e temiam que a situação fosse contagiosa. Ou porque não reparavam muito nisso. Talvez o casal tivesse sido bem-sucedido em manter a fachada todo esse tempo: com sorrisos; jantares pagos com cartão de crédito, prendendo a respiração até a transação ser aprovada; presentes artesanais (por sorte, Polly era ótima na cozinha e fazia pães deliciosos); recusando-se a vender o Mazda preto extravagante, embora agora precisassem fazer isso, claro. Polly não se importava com o carro. Mas se importava com Chris. Ou pelo menos tinha se importado um dia. Já fazia cerca de um ano que não o reconhecia mais. O homem gentil e engraçado que ficava tímido e sem graça nos primeiros encontros e que tinha amadurecido a ponto de abrir a própria empresa de consultoria em design. Polly o apoiou do começo ao fim, provou que eram

um time. Largou tudo para trabalhar com ele, investiu as economias no negócio (embora não houvesse muita coisa depois da hipoteca), batalhou por inúmeras entregas personalizadas, encantou alguns clientes, correu atrás de outros e se esgotou de todas as formas possíveis.

Isso só piorou as coisas, como é de se imaginar. Quando Chris enfim chegou em casa naquela noite fatídica – uma noite congelante de primavera, embora parecesse mais um inverno interminável – e se sentou, Polly o encarou e ele anunciou, em tom sombrio:

– Acabou.

Os jornais locais estavam fechando as portas, então não precisavam mais de anunciantes, logo, não precisavam mais de arte ou design... e as empresas não precisavam mais de folhetos, ou produziam por conta própria, na internet, e imprimiam em casa. Todo mundo era designer agora, ou fotógrafo, e tudo o mais que Chris já dominara com tanto cuidado e atenção aos detalhes. Na verdade, não era um problema decorrente da recessão, embora isso não tivesse ajudado. O fato era que o mundo tinha mudado. Não seria muito diferente se Chris estivesse vendendo pagers ou fitas cassete.

Não transavam havia meses. Quando Polly acordava de manhã bem cedo, ele já estava desperto, do lado dela, desesperado, fazendo contas ou apenas se permitindo ser consumido pela infelicidade e ansiedade. Polly tentou procurar as palavras certas para ajudá-lo, mas nada parecia funcionar.

– Não, isso não vai dar certo – vociferava ele ante todas as sugestões de Polly, de papelaria para casamentos a anuários escolares. Ou então dizia: – É inútil.

Jogava cada vez mais baldes de água fria nela, até que trabalhar juntos beirou o insuportável. E como Chris não gostava de nenhuma ideia dela, e quase não entrava mais dinheiro, Polly tinha cada vez menos o que fazer. Ficava quieta quando ele saía de manhã cedo, antes dela, para correr. “É o único escape do meu estresse”, justificava Chris. Ela mordida a língua para se conter e não jogar na cara dele que, toda vez que sugeria algo, fosse uma caminhada, um passeio pelo calçadão, um piquenique ou qualquer outra atividade gratuita, Chris reagia na defensiva, resmungava que era uma ideia inútil e afirmava ter mais o que fazer.

Polly tentou encorajá-lo a se consultar com um psicólogo, mas tinha sido uma perda de tempo também. Chris simplesmente não admitia que



havia algo errado – com ele, com os dois, com qualquer coisa. Era só um percalço, logo passaria. Até que, um dia, ele a flagrou procurando por vagas de emprego na internet e essa foi a gota d'água. A briga que tiveram aquela noite foi explosiva, e trouxe tudo à tona: o tanto de dinheiro que pegara emprestado, a situação da empresa, que era muito pior do que confessara antes a ela. Polly o encarou boquiaberta.

Uma semana depois – uma semana silenciosa, agonizante –, Chris deu o braço a torcer. Sentou-se ao lado dela e a olhou nos olhos.

– Acabou.

Agora, ali estavam eles, em meio aos destroços da empresa, com os adoráveis Sr. Gardner e Sr. Bassi, e em meio aos sonhos e planos felizes que tinham traçado na época em que achavam que podiam tudo... Os documentos que viu Chris assinar enquanto abriam uma garrafa de champanhe e inauguravam a escrivania daquele escritório aconchegante, maravilhados com o próprio anúncio nas Páginas Amarelas... Tudo se foi, e o mundo pouco se importava com o tanto que tinham trabalhado, almejado o sucesso ou qualquer um daqueles clichês de *reality show* que na verdade pareciam completamente irrelevantes tendo em vista a situação. Tinha acabado. Nenhuma foto de farol no mundo poderia mudar isso.



## Capítulo dois

– Estas são as coisas que eu tenho – falou Polly.

Caminhava pela cidade sob a brisa fresca da primavera. Estava desesperada, tentando pensar positivo. Tinha marcado um encontro com a melhor amiga e não queria estar aos prantos quando a encontrasse.

– Estou bem de saúde. Bom, tirando o tornozelo, que torci dançando no bar. E foi merecido. Estou com a cabeça boa. Perdi dinheiro em um negócio, mas há quem perca muito mais o tempo todo. Nunca presenciei um desastre natural. Meus familiares estão bem. São irritantes, mas estão bem. Meu relacionamento... tem gente que passa por coisa pior. Muito pior. Pelo menos não estamos precisando nos divorciar...

– O que está fazendo? – perguntou Kerensa.

Equilibrada no salto alto, a amiga andava tão rápido quanto Polly, de All Star. Tinham combinado de se encontrar no fim do expediente na saída do escritório de Kerensa, que trabalhava com consultoria gerencial.

– Seus lábios estão se movendo. Você enlouqueceu de vez? Porque, sabe... – prosseguiu Kerensa.

– O quê?

– Pode ser uma estratégia. Recorrer a uma aposentadoria por invalidez.

– Kerensa! – exclamou Polly. – Você é terrível! E não, não enlouqueci. Para a sua informação, só estava listando alguns motivos para ser grata. Tinha parado em “Não preciso me divorciar”.

Kerensa fez uma cara que provavelmente expressaria ceticismo, se não tivesse tanto Botox. Às vezes, era difícil dizer o que a amiga estava sentindo, embora ela costumasse se explicar em alto e bom som logo em seguida.

– Meu Deus, está falando sério? O que mais você colocou na lista? Dois braços, duas pernas?

– Pensei que a gente fosse se encontrar para você me animar.

Kerensa levantou a sacola da loja de vinho. As garrafas tilintaram.

– E é isso que vamos fazer. Mas me conta, o que mais você listou? Tirando o fato de estar sem teto, sem emprego e tal.

Estavam diante da casa geminada de Kerensa, de arquitetura aristocrática, com uma porta de entrada vermelha, uma aldrava de bronze e um pé de laranja de cada lado.

– Na verdade, não sei se quero ficar bebendo na sua casa – falou Polly, embora talvez quisesse.

Ela era diferente de Kerensa, que sempre enfrentava a vida de frente. Inclusive, lamentava não ter seguido o exemplo da amiga nos últimos anos, enquanto a empresa afundava e Chris se distanciava. Polly só ousou pedir conselhos profissionais para ela uma vez, quando beberam um pouco além da conta em uma festa de Natal, anos antes. Kerensa disse que achava o negócio arriscado e implorou à amiga que nunca mais a consultasse. Polly se convenceu de que todo negócio era arriscado e nunca mais tocou no assunto.

– Nem vem! Já estamos aqui e não quero comer essa Pringles sozinha!  
– exclamou Kerensa, animada, tirando da bolsa as chaves presas a um chaveiro Tiffany.

– Você nunca come Pringles – resmungou Polly. – Você só serve e diz: “Ah, eu me esbaldei no meu almoço imaginário, por favor, coma essa batata, senão vai vencer.” Aliás, Pringles não vence.

– Escuta. Se ficar aqui comigo, pode fazer o que bem entender com as batatas, desde que não vire a embalagem feito uma ratazana faminta. – Antes que Polly pudesse dizer qualquer coisa, Kerensa ergueu os braços e acrescentou: – Dorme aqui essa noite, vai!

– Tá bom.



Polly não teve coragem nem de abrir os olhos enquanto contava a história toda, mas, pronto, era isto: o Sr. Gardner e o Sr. Bassi tinham estipulado que o banco tomaria o apartamento deles. Quando contou para a mãe, ela

reagiu como se os dois estivessem vendendo um filho. Era por isso que evitava contar as coisas para a mãe, a não ser que fosse estritamente necessário.

– Enfim... Estou tentando enxergar o lado bom disso tudo.

– De estar sem teto?

– Cala a boca! Preciso achar um lugar para mim, só isso.

Kerensa tentou franzir o cenho, então olhou para as migalhas de Pringles que Polly tinha deixado cair no sofá de design assinado.

– Só para você?

Polly mordeu o lábio.

– Não estamos terminando. É que... Não sei se seria bom, para a gente, morar apertadinho em um cubículo... – Respirou fundo e tomou um golão de vinho. – Chris disse que vai passar um tempo com a mãe. Só até... até as coisas se acertarem entre a gente, sabe? Até a poeira assentar.

Ela estava se esforçando muito para fingir que tudo aquilo era fruto de um processo decisório lógico e tranquilo, e não birras e discussões tempestuosas.

– Digo, vai ser bom para o relacionamento... Novos ares... – acrescentou Polly.

Kerensa assentiu, solidária.

– Até vendermos o apartamento... não tenho nada – continuou ela. – Se conseguirmos um valor um pouquinho acima do esperado, poderíamos quitar as dívidas, mas...

– Mas não está contando com isso, está?

– Do jeito que estou com sorte, provavelmente vou conseguir um pouco do dinheiro de volta, vou buscar no banco e vai cair um raio e incendiar minha carteira. Depois, vai cair um piano na minha cabeça e me derrubar em um bueiro.

Kerensa deu um tapinha na mão da amiga.

– Como o Chris está lidando com tudo?

Polly deu de ombros.

– Da forma lá dele. Os administradores judiciais até que foram simpáticos, acredita? Apesar dos pesares.

– Que trabalho horrível!

– É um trabalho como outro qualquer – comentou Polly. – Estou bastante impressionada com eles no momento.

– Está procurando emprego?

– Estou, sim – respondeu Polly. – Mas sou qualificada demais e velha demais para todas as vagas da face da Terra. Além disso, parece que ninguém mais quer pagar salário para iniciantes. E eu também preciso de um teto.

– Você sabe que pode morar aqui comigo – Kerensa apressou-se em dizer.

Polly examinou a casa imaculada, impecável, da amiga. Kerensa tinha um leque de pretendentes – graças ao corpo escultural, às roupas caras e à postura arrogante –, mas nunca chegou a cogitar morar com um deles. Era como um gato de raça, pensou Polly com tristeza, ao passo que Polly parecia mais um cachorro grande, mansinho e desengonçado. Um Springer Spaniel, talvez. Polly tinha um longo cabelo ruivo e traços delicados.

– Prefiro dormir em uma lixeira a arriscar a nossa amizade dividindo apartamento de novo.

– Era tão divertido quando morávamos juntas!

– Não era, não! – rebateu Polly. – Todo fim de semana você saía com aqueles playboys que tinham lanchas e nunca lavava nada!

– Primeiro, eu sempre te chamava para sair com a gente.

– E eu nunca ia porque eles eram uns playboys malas!

Kerensa deu de ombros.

– E segundo, eu nunca lavava a louça porque nunca comia nada. Era você quem deixava rastros de farinha e fermento pela casa toda.

A paixão de Polly por pães seguia firme e forte. Já Kerensa achava que carboidratos eram um veneno e acreditava ser alérgica a glúten. Era de se admirar que fossem amigas tão próximas.

– Mesmo assim, nem pensar! – decretou Polly, com uma expressão triste. – Mas acho que jamais conseguiria morar em uma república com uma galera de 20 e poucos anos e ainda fingir me enturmar.

Polly tinha feito 32 anos no começo do ano. Por um instante, chegou até a imaginar que um dos poucos pontos positivos de ir à falência era ter uma boa desculpa para não comprar mais presentes de casamento e chá de bebê para todos os conhecidos.

Kerensa abriu um sorriso.

– Claro que conseguiria! Você poderia ir para as baladas!

– Socorro.

– Passar noites em claro discutindo o sentido da vida, fumando um...

– Sem chance!

– Acampar em festivais de música.

– Sério... – disse Polly. – Já estou desesperada o bastante, não precisa jogar sal na ferida. Pitadas e pitadas de sal. Hum. Sal.

Kerensa passou a embalagem de Pringles para a amiga com uma pose blasé ensaiada.

– Bom, eu já falei, pode ficar aqui, se quiser.

– Dormindo no seu sofá de um bilhão de dólares nesse apartamento de um quarto só por período indeterminado? Não, muito obrigada. É uma oferta gentil da sua parte, mas vou procurar na internet um lugar só para mim. Vai ser... legal.



Kerensa e Polly estavam debruçadas em silêncio sobre o laptop. Polly descia a barra de rolagem da lista de anúncios de apartamentos, filtrada de acordo com o orçamento estipulado pelo banco. Não era um cenário muito animador. Os aluguéis estavam nas alturas. Era desolador.

– Nossa, que cubículo! – comentou Kerensa, mais de uma vez. – Esse não tem janela. Por que alguém postaria a foto de uma parede manchada? Imagina como deve ser a outra parede! Conheço essa rua de quando eu saía com um motorista de ambulância. É cheia de vendinha de bebida barata. É onde as pessoas vão encher a cara.

– Não tem nada – disse Polly, em pânico. Não fazia ideia de que a hipoteca deles valia tão pouco e os aluguéis estavam tão exorbitantes. – É impossível achar algo que preste!

– Que tal dividir um apartamento com alguém?

– Esses apartamentos com dois quartos são caríssimos, e você ainda tem que pagar pela TV a cabo do outro. E imagina se for um tipo esquisitão que vive trancado puxando peso!

Quanto mais descia a barra de rolagem, mais preocupada ficava. Não sabia muito bem quais eram os seus limites, mas quanto mais olhava os apartamentos, mais se dava conta de que precisava morar sozinha. Por mais que estivesse tentando manter as aparências diante de Kerensa, Chris e a mãe, algo terrível tinha acontecido, e não seria resolvido assim tão fácil. Levitaria tempo. A perspectiva de choramingar em silêncio no quarto, cercada de

jovens festeiros, era no mínimo desesperadora. Uma tragédia anunciada. Polly precisava dar um passo para trás, retomar o controle da situação. Vestir-se como se fosse dez anos mais nova e discutir *boy bands* estava fora de cogitação. Morar com a mãe também. A mãe a amava e faria tudo por ela, mas, sem sombra de dúvida, ficaria bufando nas suas costas, fazendo perguntas indelicadas sobre Chris e falando dos netos dos outros e... Não. A relação das duas era tranquila, mas Polly duvidava que conseguiria tolerar isso.

Certo. Mas e agora?

CONHEÇA OS LIVROS DE JENNY COLGAN

A pequena livraria dos sonhos

A padaria dos finais felizes

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

